

Visuais Inaugurações:

# A arte com dominós de José Patrício

Artista exibe na Pinacoteca e na Galeria Nara Roesler suas novas e belas criações

**Camila Molina**

Nas vertentes de idéias que se multiplicam na obra de José Patrício, uma delas é o embate entre a vontade do ordenamento e a liberdade de combinações que poderiam levar ao infinito suas composições. Explicando melhor, o artista recifense usa peças de dominós para criar trabalhos que resultam em sites específicos (instalações para lugares específicos) ou objetos que ele chama de pinturas: usando um elemento do cotidiano, do jogo popular, no campo da arte, Patrício faz composições a partir de estruturas modulares realizando combinações dentro do vocabulário que o material permite. E ele permite muitas – caixas com 28 peças de dominós têm marcas, cores e tamanhos diferentes. Dentro do campo de possibilidades inúmeras, Patrício opera entre a matemática e o sensível – são sempre belas suas composições com ritmo de formas e cores.

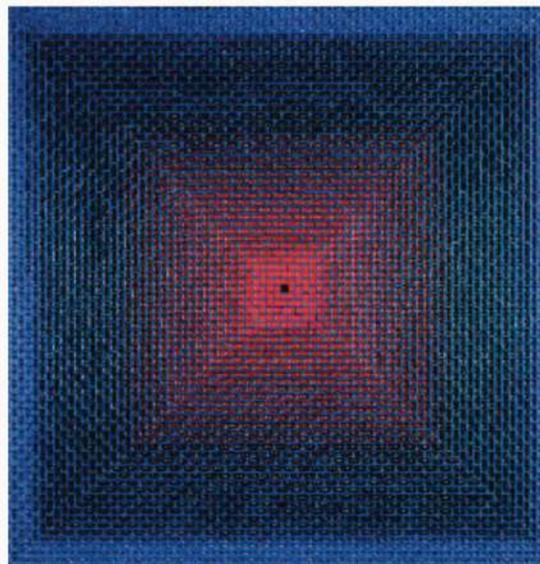
Hoje, no octógono da Pinacoteca, o artista inaugura o trabalho, intitulado *Expansão Multipla*, que criou especialmente para o local. Sobre o chão do lugar estão estruturas modulares de tamanhos diversos, sempre feitos na forma do quadrado perfeito, criados com mais de 100 mil peças de dominó em tonalidades claras que vão do amarelo, bran-

co e marfim. Forma-se um tapete de geometria e ritmo, que poderá ser visto de melhor maneira das aberturas com parapeitos que ficam no segundo piso do museu – não será permitida a entrada no octógono para que não ocorra acidentes com a instalação (há som ambiente com o barulho das peças, que remete a uma idéia de caos). “É obra contemplativa”, afirma Patrício.

Sem dúvida, como diz o artista, sua produção se relaciona com a herança construtiva brasileira. Seja numa instalação ou numa pintura (na quinta-feira ele inaugura na Galeria Nara Roesler uma mostra com 10 obras recentes dessa vertente), suas estruturas padronadas, que vêm da matemática e do jogo de combinações, se transformam em campos de geometria e remetem ao optical: ele sempre começa um módulo do centro de sua área e daí vai construindo a composição em movimento espiral. No caso das pinturas, a construção não é apenas formal, mas há ainda a interferência do artista de pintar as peças com esmalte sintético e assim criar um campo pictórico dentro do módulo (faz, dessa maneira, até dégradés de cores). “As pinturas também são ocupações de espaço”, diz o artista. Dessa maneira, seu trabalho se transforma, também, em jogo entre macros e micros. ●



**TAPETE** – O artista na obra que fez para o octógono da Pinacoteca



**PINTURA** – Composição de 1,48 m x 1,48 m com dégradé de cores

**Serviço**

**José Patrício.**  
● **Pinacoteca.** Pça. da Luz, 2, 3324-1000. 3.ª a dom., 10 h às 18 h. R\$ 4 (sáb. grátis). Até 13/7. Abertura hoje, 11 h

● **Galeria Nara Roesler.** Av. Europa, 655, 3063-2344. 2.ª a 6.ª, 10 h às 19 h; sáb., 11 h às 15 h. Até 15/6. Abertura na quinta, 20 h, para convidados

# Reunião primorosa de cinéticos em mais uma mostra

Produção em voga no mercado, agora ela pode ser vista na Galeria Bergamin

Na mostra *Arte Cinética – América Latina*, que será inaugurada hoje na Galeria Bergamin, entre as 30 obras reunidas, de coleções particulares brasileiras e estrangeiras, o maior destaque é um grande trabalho do venezuelano Jesús Soto, vindo de Nova York. A peça está avaliada em R\$ 1,5 milhão e é das poucas que estão à venda – entre as mais baratas, por assim dizer, há um desenho do argentino León Ferrari, por R\$ 25 mil. “Os cinéticos estão em voga no mercado brasileiro e internacional. A procura por eles começou entre 2003 e 2004”, diz Jones Bergamin, diretor da Bolsa de Artes do Rio e proprietário da Galeria Bergamin, em São Paulo – interessante, também, que está em cartaz no Gabinete de Arte Raquel Arnaud a mostra *Luz, Core Movimento*, feita em parceria com a galerista francesa Denise René, a grande impulsionadora dos cinéticos em Paris a partir do pós-guerra.

Criações dos nomes importantes da arte cinética não faltam na mostra de Bergamin – Soto, Julio Le Parc e Cruz-Diez –, reunidas no núcleo central da exposição. A partir dele, como diz Bergamin, vem o segmento de brasileiros importantes, como Palatnik e Danilo Di Prete, passando por obras de criadores que ficaram esquecidos – Ubi Bava e os argentinos Martha Boto e Garcia Rossi. “Eles são artistas contemporâneos aos grandes nomes, mas o mercado não os olhou direito”, afirma Bergamin. ● **c.m.**

FOTOS DIVULGAÇÃO



**LE PARC** – *Forme en Contorsion*

**Serviço**

● **Arte Cinética América Latina.** Galeria Bergamin. Rua Rio Preto, 63, Jd. Paulista, 3062-2333. 2.ª a 6.ª, 10 h às 20 h; (sáb., 11 h às 15 h). Grátis. Até 14/6. Abertura hoje, 11 h